

A Razão do Ser

Walter Longo

A inteligência deve ser encarada como uma doença e não como um privilégio do homem. Minha própria vontade de escrever sobre este assunto já deixa claro que também estou doente e os sintomas começam a se agudizar. Por mais atacado que esteja, sinto-me feliz por entender que o que me venderam até hoje como uma grande qualidade não passava de meu maior e mortal defeito. Essa constatação, longe de nos infelicitar dá uma enorme sensação de liberdade, de plácida impotência e de simples viver.

Hoje, após toda uma existência valorizando a razão, e celebrando o desenvolvimento humano, constato a miopia contida nessa ótica, e dou asas ao espírito revisionista que toma conta da meia idade, sem no entanto aguçar as crises naturais de quem se pega em evidente erro de julgamento.

Durante o processo de evolução da espécie, deve ter ocorrido algum tipo de mutação que desviou o homem de sua trajetória natural. A racionalidade nada mais é que uma doença, uma espécie de aids que ataca a todos os seres humanos e que os transforma em criaturas condenadas à consciência de sua existência fugaz e inexpressiva.

A consciência e a inteligência forjaram uma civilização de animais infelizes, temerosos, neuróticos, tementes da morte, seres desprezíveis e incompetentes. Ao se tornar civilizado o homem, através de sua inteligência, construiu símbolos de sua própria degeneração, uma espécie de homenagem ao que fez desse ser o que ele é hoje, cheio de orgulho non-sense, repleto de racionalidade, mas desprovido de razão. Sofremos por que nos afastamos da natureza, essa sim a maior celebração da inconsciência coletiva, da vida pela vida, sem por quês e até quando, simplesmente vida.

A cigarra ao nascer enfia-se debaixo da terra onde passa dezessete longos e sombrios anos, até que cria asas e vem ao mundo onde sobrevive apenas dezessete dias. Já pensou se ela pensasse, como estaria revoltada com sua trágica existência? O mal do homem é achar que é alguma coisa, buscar razão com sua pequena capacidade de entendimento das coisas. A busca do transcendente nada mais é do que o símbolo máximo do desespero humano, a não aceitação da sua existência finita, da falta de razão e sentido das coisas, de Deus como símbolo máximo do nada, e não do tudo.

O mundo nada mais é que um grande pavilhão de hospital repleto de doentes desenganados e revoltados com seu trágico destino de viagem rumo ao nada. Mal sabem eles que caminhando para o nada estão na verdade cada vez mais próximos de Deus.

A inteligência, longe de libertar, escravizou o homem na sua busca frenética de encontrar algum sentido na sua presença na Terra. As seitas

e religiões são como muitos remédios que, longe de tratar a causa, tratam de amenizar seus efeitos. Tenta dar explicações pueris para algo que não devia ser sequer questionado, pois a própria pergunta é que é o problema. O mais trágico nisso tudo, é que valoriza-se a inteligência como o grande privilégio do homem na sua comparação com os outros colegas de embarcação. Afinal, foi ela que possibilitou ao "homo sapiens" chegar à lua e alcançar as profundezas dos oceanos, construir cidades e comunicar-se com qualquer ponto do planeta. A questão que permanece, após todas estas festejadas conquistas é: e daí?

Há inúmeras teorias que tentam explicar porque e quando o homem se distanciou definitivamente dos seus ancestrais e começou a andar sobre apenas duas patas. Todos consideram esse fato como o marco definitivo que nos separou do restante de nossa árvore genealógica, e o celebram como o surgimento de uma nova fase no desenvolvimento humano sobre a terra. Na verdade, o homem começou a andar ereto porque queria afastar sua consciência do pó de onde veio e para onde acabará indo inexoravelmente. Olhar para cima, aproximar-se do céu, era já uma tentativa desesperada de escapar de seu destino, de não aceitar sua condição de simples passageiro dessa nau.

Deve ser por isso que nos sentimos tão bem quando estamos em contato com o natural, cercados de plantas e animais. É a maravilhosa ordem, desprovida de questionamentos, que nos fascina e alivia nossa consciência ávida por explicações. O ritmo das estações transforma tudo sem que se pergunte o porquê. A harmonia aparente revela, quando olhada mais de perto, um mundo em constante mutação e luta, onde só os mais fortes sobrevivem sem nenhum questionamento e busca de utópica igualdade.

Morrer só nos amedronta porquê sentimos que passamos um longo tempo viajando nesse barco, chegamos finalmente ao destino, e não temos a menor idéia de onde estamos. A morte nada mais é que o início do nosso retorno ao natural. A existência sem a necessidade de existir. A verdadeira razão de viver.